

Clube de Paris trabalha em segredo para ser eficiente

Fritz Utzeri

Correspondente

PARIS — Quem for ao FMI ou ao Banco Mundial, em Washington, vai encontrar instalações luxuosas, multidões de funcionários, mordomias e tudo o mais. A exceção é o Clube de Paris, com cujo presidente, Jean Claude Trichet, o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, tomará o café da manhã na terça-feira em Paris. O Clube, fisicamente, não existe e, mesmo assim, em 1987 refinanciou US\$ 26 bilhões da dívida de 15 países; mais do que o Fundo e o Banco Mundial juntos.

O Clube, associação de governos credores sem composição fixa, reúne-se há 32 anos e a lenda parisiense conta que um jornalista do *Time*, recém-chegado à cidade, resolveu procurar sua sede no catálogo e esbarrou no número 43-59-51-41. Quem atendeu foi Jean Pierre Marlet, dono de um bar na avenida Matignon, perto do Eliseu — o *Clube de Paris* — que, irritado, disse ter bastante de dívidas próprias para preocupar-se com as dos outros. O verdadeiro telefone do Clube de Paris é 42-60-33-00, ramal 3934.

No Louvre — Até poucos meses atrás esse clube, que, segundo seu presidente, tem a regra de ouro de *não comentar jamais as negociações* — limitava-se a um armário de madeira, onde, em pastas, acumulavam-se os dossiês de credores e devedores. Hoje, mais moderno, o Clube literalmente *mudou-se* para disquetes de computador guardados no gabinete de Trichet, no Palácio do Louvre.

Uma vez por mês, os 17 membros do Clube, delegados oficiais dos países, banqueiros, representantes do FMI e do Banco Mundial, reúnem-se no antigo Hotel Majestic. Lá, frequentemente durante vários dias, os responsáveis encontram-se em discussões, que começam às 9 da manhã e às vezes viram a noite, como a última negociação brasileira, em janeiro de 87, que só terminou às 6 da manhã. As reuniões são puxadas e os participantes só as interromperam para breves lanches ou cafezinhos no subsolo do prédio.

Funcionamento — A *mise en scene* é impecável. Num primeiro tempo o ministro da Fazenda do país devedor apresenta o seu problema, suas propostas de renegociação e — *Fmi oblige* — seu programa de ajustamento econômico. Depois, aparecem os representantes do Fundo, do CNUCED (Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e Desenvolvimento) para dar o seu parecer. No terceiro ato, o devedor é convidado, polidamente, a deixar a sala, para que os credores discutam entre si.

Geralmente o quadro é imutável. Na sala dos credores sentam-se países do Norte, enquanto nós, os sulistas, sentamos na sala dos endividados. Mas o Brasil, às vezes, senta do lado bom, em reuniões de renegociação de países mais pobres do que o nosso, aos quais emprestamos dinheiro, como a Polônia, por exemplo. No Clube não se vota, ou seja, nada se decide por maioria simples ou absoluta. É unanimidade ou nada, o que complica as discussões, mas não cria qualquer problema posterior, já que ninguém poderá dizer que não concordou, mesmo em casos como o da última negociação brasileira, quando alguns delegados, como o holandês, saíram furiosos do Hotel Majestic. “Brasil, *Shu!*” limitou-se a comentar seco o representante batavo, ao ser abordado à saída.

As regras para se chegar a esse consenso são tão misteriosas quanto o Clube. Um princípio geral é aceito por todos: o reescalonamento da dívida deve ser a longo prazo, 15 a 20 anos, e todos os credores devem repartir os ônus igualmente. (A última negociação brasileira foi exceção devido, na ocasião, à falta de garantias por parte do Brasil, que concluiu acordo sem o aval do FMI, precedente de que o clube não quer nem mais ouvir falar. Desta vez, a negociação vai ter de ser com FMI e tudo o mais.)

Ritmo — O Clube de Paris foi criado em 1956 para evitar a falência da Argentina e, durante muitos anos, teve papel meramente episódico e secundário. Mas com a explosão do problema da dívida do Terceiro Mundo, após a moratória mexicana de 82, o Clube não tem cessado de aumentar o ritmo. Antes de 1980 essa não instituição reunia-se uma a duas vezes por ano. Hoje reúne-se todos os meses e há meses com dois encontros de renegociação.

Embora os participantes das reuniões sejam altos funcionários da Fazenda dos países credores, a administração do Clube é inteiramente francesa. Um grupo pequeno entre 15 e 20 pessoas de funcionários do Tesouro responsabiliza-se pela preparação, coordenação e secretaria. A frente desse pequeno grupo está Samuel Lajeunesse, chefe do setor internacional do Clube. Acima dele, Trichet, que foi chefe de gabinete do ministro das Finanças de Jacques Chirac, Edouard Balladour, e que, apesar da virada socialista e da mudança de ministro, continua no cargo.

Ao 45 anos, discreto, com uma mecha de cabelos rebeldes caindo-lhe frequentemente pela testa, Trichet trabalha no Clube desde 1981 e o preside desde 1985. No momento, ele e sua equipe estão enormemente ocupados em preparar o perdão parcial das dívidas dos países mais pobres, decidida em Toronto pelos sete países mais ricos. Para nós, a renegociação apenas estará começando.